

HISTORIA DE
ZEZINHO E
MARIQUINHA



Diser

Moore

MM

Memorial Bisco

Historia

de

Zezinho e Mariquinha

Cx 19



Comovente narrativa em prosa e verso, acerca de dois entes que se amavam mutuamente



JANEIRO de 1961



P E D I D O S :

EDITORA GRÁFICA SOUZA LTDA.
RUA MENDES GONÇALVES, 76 — (Brás)
Telefone 9-4632 SÃO PAULO

Memorial Bisco

HISTÓRIA

— DE —

ZEZINHO E MARIQUINHA

(EM VERSO)

Senhores, peço licença
Também peço desculpar,
Na alta sociedade
Minha pouca habilidade
Para essa história contar
Que se deu n'uma cidade.

Todo regente de casa,
Deve procurar saber
Reger a sua família
Para nada acontecer:
Eu agora vou contar
O que foi um bem querer:

Havia n'uma cidade,
Um homem de gran riqueza,
Bem perto dele morava
Um pobre por natureza;
Tanto tinha um de rico,
Como o outro de probreza.

O rico milionário
Era dono de milhões,
Mandava tôda a cidade,
E tôdas as repartições:
Afinal satisfazia
Muito bem suas paixões.

O pobre homem, coitado,
Por não possuir fazenda
Vivia de sapateiro
Trabalhando n'uma tenda;
E tudo quanto fazia
Só dava para a merenda.

O rico, pobre de filhos,
Só tinha uma filhinha:
E como era filha unica,
No palácio era rainha,
Ela chamava-se Maria,
E lhe tratavam Mariquinha.

O pobre homem, coitado,
No seu viver pobresinho,
Além de ter muitos filhos,
Tinha um pequenininho,
Que se chamava José,
E lhe tratavam Zézinho

Mandou ensinar Zezinho
A ler, escrever e contar
Com a idade de 6 anos,
Ele nem sabia falar;
Mas, é um dever sagrado
Os paes ao filho ensinar.

O rico milionário
Mandou ensinar Mariquinha
E lhe deu uma criada
Paseava na cidade,
Por lá encontrou Zezinho,
Quando ia e quando vinha.

Um dia em que Mariquinha
Passeava na cidade,
Por lá encontrou Zezinho.
Que era da sua idade,
Foram juntos conversando
Consagrando amizade.

Perguntou a Zezinho quem era
Respondeu: "Sou seu visinho
Como de fato êle era
Morador de bem pertinho.
Até aí Mariquinha
Não conhecia Zezinho.

Sempre foram andando juntos
Todos três em companhia
Quando Zezinho não fôsse
Mariquinha lá não ia;
Quando um passava tormento
O outro também sentia.

Pae e mãe de Mariquinha
Não podiam compreender
O destino de sua filha
E o que queria fazer.
Como não pensava nada
Não podia nunca saber.

O amor vem de pequeno,
Desde o tempo de menino,
Ainda quando Deus quer,
Tendo amor de pequenino,
De pequeno vae crescendo,
De grande não perde o tino.

Mariquinha, além de rica,
Era muito bonitíssima;
Tinha uma côr morena,
Uma feição belíssima
Que em tôda a cidade
Era a mais formosíssima.

Zezinho, como pequeno,
Não conhecendo o perigo,
perguntou a Mariquinha:
— Você quer casar comigo?
Mariquinha respondeu:
— Eu quero casar contigo.

Aí Zezinho jurou,
Que lhe tinha amizade,
E pediu um juramento,
Perante a sua virgindade,
O coração de quem ama,
Só sabe falar verdade.

Mariquinha também jurou
Contra gôsto de seu pae:
- - Eu ei de casar contigo
— Só se vós me enganar,
Que o coração de que ama
É lugar que ninguém vai.

Zezinho então jurou:
— Por Deus do Bom Fim;
Eu por ti darei a vida
Já que vós morreis por mim:
Hei de morrer te amando
Já que vós me amais assim.

Mariquinha depois de moça
Da escola se ausentou;
Esta ausencia p'ra Zezinho
Foi dor que transpassou;
Pois nos dois corações
O grande afeto aumentou.

Mariquinha todo dia
Havia de ver Zezinho,
O dia que não o via
Escrevia-lhe um bilhetinho;
Tinha o lugar apropriado
Para conversar com Zezinho.

Afinal neste namoro
Conseguiram muito tempo
Sem os paes de Mariquinha
Levar em conhecimento;
Era de um amor sincero
Sem ter outro pensamento.

Um dia em que Zezinho,
Chegando de seu brinquedo,
Escreveu-lhe Mariquinha;
"Foi descoberto o segredo,
O que havia de ser tarde
Apareceu muito cedo".

Por arte não sei de quem,
No outro dia cedinho
A mãe de Mariquinha
Encontrou um bilhetinho
Na caixa de sua filha,
Com a firma de "Zezinho".

A velha chamou a filha
Em particularidade,
— minha filha vem contar
A tua infelicidade,
Responde a quem te pergunta
Peço que fale a verdade.

— Minha mãe tudo é verdade
E pelo bem que me quer
Hei de falar a verdade
Só se eu não souber;
Porém vou contar tudo,
Se a cousa me convier.

— A razão foi um bilhete
Que na tua caixa achei,
— De quem é aquela firma,
Que no bilhete encontrei?
Por isto, minha filha,
Neste lugar te chamei.

— Minha mãe este bilhete
Quem me deu foi o Zezinho
Que juramos de nos casar
Desde quando pequenino;
E com êle ei de casar
Só se houver descaminho.

A velha quando viu isto
Ficou logo pensativa
E disse a Mariquinha,
Falando com voz altiva:
Eu vou falar com teu pae
Para ver se êle te priva.

Mariquinha ouvindo isto,
Ficou logo sem sentido,
Fez consigo um julgamento
Do que tinha acontecido
— “Ou eu soffro um castigo
Ou o Zezinho é prendido.

A velha disse ao marido:
— Faça por ser cavalheiro.
Olhe que Mariquinha
Tem um pensar traçoiro,
Está sendo namorada
Do filho do sapaleiro.

O homem disse á mulher:
— Vamos ver si se encobre
— Mariquinha sendo rica
Aquele moço é muito pobre,
— Eu acho feio a familia
Que se abaixa sendo nobre.

Chamou Mariquinha e disse:
Como procedia assim,
Sendo uma moça tão rica
Dona de tanto jardim
Querendo casar com um moço
Tão pobre e recuem assim?

Mariquinha respondeu:
— A firmeza é de quem tem!
— Se eu nasci p'ra Zézinho,
Zézinho pr'a mim também,
Se eu não casar com êle
Não caso com mais ninguém.

— Eu mando prender Zezinho
A sentença eu vou lhe dar;
Depois que estiver preso
Posso até mandar matar.
— Depois eu só quero ver
Você com êle se casar.

— Oh! meu pae! não diga isto,
Eu não o acho exigente
— Se eu mereço castigo
Por ser desobediente
Sofra eu e não Zezinho,
Que vae sofrer innocente.

— Seja ou não innocente
Hei de cumprir meu intento,
Hei de lhe dar o castigo
Igual ao seu atrevimento,
Disse isto para a filha
Com um louco pensamento.

Mariquinha entrou p'ro quarto
E começou a escrever
Recomendando a Zezinho
Como havia de fazer
— Nosso amor foi descoberto
E começamos a sofrer.

— Zezinho, tu te retiras,
Logo que esta receber,
Foge, ausenta-te de casa
Que meu pae vae te prender,
— Tu sabes que êle querendo
Manda tudo e tem poder.

— As onze horas da noite
Quando estiver em silencio,
— Vem á porta do quintal
Com um respeito imenso
— Com a minha virgindade,
Hei de fazer o que penso.

Zezinho leu o bilhete,
Ficou muito aborrecido,
Imaginando a sua vida,
Do que tinha acontecido,
Quando a fôrça lhe chegou
Zezinho tinha saído.

Mariquinha foi ao cofre
(A noite era mui dença)
E tirou cincoenta contos,
Mas a riqueza era imensa:
Quem de muito tira pouco
Não se acha diferença.

As onze horas da noite
(Marcava o relógio em ponto)
Zezinho estava esperando,
Para tudo estava pronto,
Então veio Mariquinha
E lhe deu cincoenta contos.

— Zezinho, este dinheiro,
E' um sinal de firmeza,
Você vae ganhar a vida
Ver se arranja riqueza,
Gasta só com precisão
Olhel não caia na pobreza!

Zezinho, tu vaes embora,
Para um lugar muito além,
Que ninguém saiba de ti!
E nem tu saibas de ninguém,
Eu fico na esperança,
De quem teve e hoje não tem.

Zezinho ficou pensando
Em tomar seu parecer:
— “Ausente de quem eu amo
Que prazer eu posso ter
Mas a sorte assim promete
O que hei de fazer?”

— “Zezinho tu te retiras
Antes do dia romper,
Quem se dispõe a ter amor
Que alegria pode ter?
E’ pior vida do mundo
E’ melhor antes morrer.

Zezinho e Mariquinha
Quando se apartavam,
As tristezas foram tantas
Que ambos então choravam
Vejam estes dois amantes
Nesta hora como estavam.

Mariquinha, disse a êle:
— Zezinho, tu vaes com Deus,
Leva este meu retrato;
Agora quero um dos teus
Para de ti me lembrar
E tu te lembrar dos meus.

Zezinho despediu-se
De sua mãe tão sagrada:
Ele saiu chorando
Com pena de sua amada;
Seu coração foi partido
Sua alma traspassada.

Zezinho embarcou cedo
No porto desta cidade,
Saltou em outro país
Com muita felicidade,
Entrou com cinquenta contos
Em nova sociedade.

Começou Zezinho andar
Sendo bom negociante
De 4 a 5 anos
Tinha dinheiro bastante,
Ele mesmo admirava
Porque era principiante.

Dentro de 7 anos
Era rico milionário
Dono de muitos milhões
Com dez navios no mar,
Todos com segurança
Para quando se casar.

Zezinho com tal riqueza
Que já era colossal
Tinha vontade de voltar
Para a sua terra natal.
Para dar agradecimento
À sua amada leal.

Vinha ver o seu país
Que era de muito dever;
Tomar a benção a seus pães
Que era de muito prazer,
Apresentar os seus bens
Que Deus lhe fez obter...

Zezinho trazia riqueza
Vinha muito satisfeito,
Todo tempo lá perdido,
Foi um tempo sem proveito,
Além de um desgosto, outro
Ia lhe maguar o peito.

Todo tempo que Zezinho
Desta terra estava ausente
Pae e mãe de Mariquinha
Se achavam mais contentes,
Fizeram a filha se casar
Com um moço seu parente.

Este grande casamento.
Todo dia era pedido:
Ela nunca dava o sim,
Andava muito aborrecida,
Só pensava em Zezinho,
Era um acabar de vida.

Fez até seu pae dizer
Que já era prevenção,
Si tu não me fizeres o gosto,
Não te ponho mais a benção,
— Vê se será melhor
Tu viveres na maldição!

Sua mãe também lhe disse,
É uma palavra escrita:
— Minha filha, você tem
A nossa benção bendita,
— Si tu não me fizeres o gôsto,
Da graça ficas maldita.

— Se me fizeres o gôsto
Tu serás abençoada,
Mas se não o fizeres
Tu serás amaldiçoada,
Por mim e por teu pae,
Da riqueza desprezada.

A desconsolada moça
Pensava em seu coração:
— Infeliz da criatura
Que dos pais não tem a benção
Disse ao pae que queria
Conhecendo a prevenção.

Mariquinha disse ao pae:
— Está feito a vossa vontade:
Peço a Deus tomar conta,
(Como pae de caridade)
Matae-me na mesma hora
Com a minha virgindade.

Mariquinha ainda disse:
— Se casar contra vontade
Eu hei de pedir a Deus:
— Matae-me por caridade,
Para que Zezinho saiba
Desta contrariedade.

Quando a filha deu o sim,
O pae ficou muito contente,
Convidou seus amigos
Capitão, major, tenente,
No dia do casamento,
Apareceu muita gente.

Chegado que foi o dia,
Mariquinha se casou,
Justamente neste dia
Zezinho desembarcou,
Mariquinha era casada
Quando Zezinho chegou.

Quando Zezinho chegou,
Mandou logo embaixada
Participar a seus paes
A sua bela chegada,
Vinha muito satisfeito
Porque não sabia de nada.

Zezinho de nada sabia,
Vinha cheio de alegria,
Mandou dinheiro a seu pae,
para festejar o dia;
Na chegada de Zezinho
Fogo no ar subiria.

Seu pae ficou muito alegre
De ver seu filho contente,
Que há dez anos completos
De sua casa era ausente.
Foram tantos fogos no ar,
Que admirou muita gente.

Mariquinha observou
Estes fogos que subiam,
Perguntou a seus criados
Se por acaso não sabiam
Na casa do sapateiro
As novidades que haviam.

A criada respondeu:
— “Posso ir lá observar
Se a senhora quizer:
E o que puder apurar
Alguma cousa será...
Venho certo lhe contar”.

A criada estava pronta,
Mariquinha lhe mandou,
Ela foi, silenciosa,
Por lá tudo observou,
Chegou a criada e disse:
— “Senhora, Zezinho chegou”.

Mariquinha quando soube
Com pena ficou sentida
Quem jurou na cruz de Deus
Um amor, perante a vida,
Só pensava estar casada
Sendo de Zezinho querida.

Estava o palácio em festa
No mais ornado salão
Homem de sabedoria
De legendas e Brazão.
Mariquinha só chorava
Sem ter consolação

Mariquinha logo escreveu
Com tristeza e sentimento
Participando a Zezinho
Como foi o casamento.
Antes queria que fôsse
O dia de seu passamento.

— Zezinho vem para cá;
Se é que me tem amizade;
Eu desejo de saber
De tua felicidade.
Também quero te contar
A minha crueldade.

Deu o bilhete à criada
Que depressa o levou,
Encontrando com Zezinho
O bilhete lhe entregou
Logo que fez o mandado
Muito depressa voltou.

Zezinho leu o bilhete,
Quis usar de violência;
Pensou e pediu a Deus
Que lhe desse paciência.
Queria ver Mariquinha
Junto de sua presença.

Zezinho saiu de casa
Sem saber o que fazia
Muito triste e aborrecido,
Fôra de tôda alegria.
Só pensava em Mariquinha
A quem êle tanto queria.

Zezinho foi-se chegando:
Dizendo: — “aqui estou eu”.
Pedi a ela um abraço,
Ela não fez duvida, e deu.
Nesse abraço Zezinho
Nos braços dela morreu!!!

Mariquinha ficou triste
Quando viu éle morrer,
Chamou a sua criada
Esta também veio ver;
— “Qui está Zezinho morto:
— O que havemos de fazer?”

Pedi á sua criada
Que lhe dêsse um parecer
A criada disse a ela:
— “O que havemos de fazer?
Tirarmos Zezinho d'aqui
Suceda o que succeder!

Como já era muito tarde
Naquele momento primeiro
Pegaram Zezinho a pulso,
(Isto fizeram ligeiro),
E o puzeram lá na calçada
Da casa do sapateiro.

O sapateiro abriu a porta
No outro dia cedinho,
Olhando para a calçada
Já foi vendo o descaminho
Reconheceu então que era
O cadaver de Zezinho.

O que havia de alegria
Foi tristeza atormentada,
Puzeram Zezinho p'ra dentro
Tiraram lá da calçada
Seu corpo tinha um sinal:
Era sua mão fechada.

Ai vieram doutores
D'aquela repartição
Nem um nem outro sabiam
(Foi uma admiração!)
O que queria dizer:
Ter fechado a sua mão.

— Os dotores vieram avêr
Dizia uma velhinha:
— Ele morreu de paixão
Por um amor que tinha.
Esta mão tão fechada,
Só quem abre é Mariquinha.

A velha saiu depressa,
Foi indo com muito geito,
Na casa do milionário
Chegou com muito respeito,
E o que pediu foi aceito,
Chamou em particular.

Foi chamado o milionário
E Mariquinha na frente
Todos os seus convidados:
Capitão, major, tenente.
Mariquinha foi chegando
Com semblante diferente

Mariquinha veio chegando
Falando com voz altiva:
— “De que vale Zezinho morto
Eu sem ele ficar viva?”
Morreu por ser amante
E porque meu pae me priva?

E porque meupae me priva?
Já que morreste por mim,
Já que por mim se acabou,
Eu por ti devo este fim”.
Aí mesmo foi caindo
Porque Deus quiz assim.

Zezinho então abriu a mão
Até mudou de figura,
Dentro da mão nada tinha,
Viram a verdade pura
Que a vida de Mariquinha
Zezinho tinha segura.

Sou a mãe de Mariquinha
Gritaram pela escada,
No outro dia seguinte
Foi com ele sepultada
Acabou ludo em tristeza
Acabou-se o pagode em nada.

Disse o pae de Zezinho:
— A fortuna é de quem tem
Então por meu filho morrer,
Eu vou morrer também?
Fico rico, milionário,
Há males que vêm p'ra bem.

Zezinho e Mariquinha
Parecia ter combinado.
Quem casou com Mariquinha
Morreu no mato enforcado.
Acharam-no no outro dia
Na corda dependurado.

HISTÓRIA
DE
ZEZINHO E MARIQUINHA
(EM PROSA)

N'uma cidade do interior do Brasil morava um homem imensamente rico; era tão alarve como riquíssimo e as suas terras eram tantas que não se corria em poucos dias tôdas as propriedades.

Esse homem era o rei da cidade e dominava a todos pela sua opulência e poder, sendo os seus desejos, ainda os mínimos, satisfeitos embora fossem ilícitos. Todas as pessoas da vila o odiavam, mas obedeciam cegamente porque o dinheiro tudo sobrepuja.

Próximo da residência do figurão orgulhoso e preponente vivia um pobre trabalhador, honesto e bom, que ganhava a subsistência no arduo afa-zer de sapateiro. O trabalho quasi não lhe rendia para viver, uma vez que os seus freguezes eram tão miseráveis e pauperrimos como êle.

Assim viviam os dois homens: um na opulência e esquecido dos que sofrem, e o outro sofrendo, na esperança de melhores dias.

O destino, que resolve as coisas da vida por linhas curvas, deu a ambos um filho. O do homem pobre foi um belo menino que se veio a chamar José; na intimidade tinha o nome de Zézinho. O rico alarve teve uma filha, lindíssima menina que tomou o gracioso apelido de Mariquinha. O seu nome próprio era Maria.

Chegada a época dos estudos, ambos foram para a escola adquirir instrução.

A filha do milionário foi para o melhor collegio da cidade, um luxuoso educadário onde o ensino era profundo e tudo se revestia d'um cunho de distinção.

Apezar da sua grande pobreza o sapateiro, que era bom pae, quiz educar o filho dando-lhe sabedoria para ser vencedor na vida. Assim, Zézinho foi para uma escola humilde e particular.

Ele era já um menino vivaz e inteligente, dando belas promessas de ser um homem com imensa superioridade no futuro.

Um dia, que foi por sinal uma linda tarde de sol, Zézinho e Mariquinha encontraram-se casualmente e como fosse da mesma idade riram-se um para o outro, conversaram e se tornaram amigos.

— Como é seu nome? perguntou ela,

— Chamo-me Zezinho e sou filho do sapateiro que mora na sua vizinhança — respondeu êle com simplicidade.

Deram nessa tarde um belo passeio, sem que a criada de Mariquinha nada dissesse.

Dai por diante se viam todos os dias, falavam-se com intimidade, continuando os passeios como si fossem da mesma posição social.

Quando êles não se viam ficavam tristes, pensando um no outro, com saudades no coração. Si não podiam ir ao passeio, Mariquinha, que já escrevia, enviava um bilhete dizendo o motivo da ausencia e a imensa saudade que ela sentia.

Os paes de Mariquinha andavam cismados com as saídas da filha, não compreendendo a significação das longas ausencias quasi todos os dias.

Não percebiam que o delicioso e travesso Cupido, filho da formosissima Venus — a deusa dos amores! — estava fazendo duas pequeninas almas, um grande coração unido pelo amôr.

Tôdas as coisas na vida são regidas pela lei grandiosa do amôr, essa fôrça soberana que predomina todos os impecilhos e é a suprema ventura desta vida terrena.

Diziam na cidade que Mariquinha iria ser disputada pelos mancebos mais ricos, os nobres e os fidalgos das outras regiões.

Mariquinha era já nesse tempo rica e a sua formosura ainda maior: os seus olhos negros faziam uma suave harmônia com a tez morena e roseada do semblante e corpo na sua sublimidade prometia verdadeiro esplendor de beleza. Era a mais bela moça da cidade no seu tempo.

Zézinho, que andava loucamente apaixonado pela sua linda amiginha, disse-lhe um dia:

— Quer casar comigo?

Mariquinha, cujo coração amava extremamente ao seu amigo, respondeu com firmeza:

— Quero, Zézinho. Mas a minha idade ainda não me permite casar.

A idade há de vir e com ela a nossa completa ventura. Eu lhe juro um grande e fiel amor. Quer me jurar da mesma forma

— Juro por Deus que o amarei sempre com fidelidade, cada vez mais amorosa. Papae certamente não permitirá o nosso casamento, mas eu serei sua porque é o meu desejo.

— Você me esquecerá sendo ingrata como as outras!

— Não, Zézinho; eu serei sua porque o amo!
— exclamou ela acariciando-o.

— Lembre-se que nos pertencemos para tóda a vida.

Com o tempo Mariquinha estava moça e mais bela. Os paes deram-lhe os estudos por terminados retirando-a do collegio. Como vêr agora o seu querido Zézinho? Com a ausencia, o amôr cresceu e se foi tornando dolorosa a paixão para ambos. As conversas não eram mais possíveis e na falta de encontros os dois escreviam longas cartas amorosas, dizendo que se amavam e não seriam capazes de viver separados. Raras vezes eles conseguiam conversar! Então os beijos trocados eram muitos, como as lágrimas, os sorrisos de felicidade.

Os mezes iam passando e o namoro continuava desconhecido pelos paes de Mariquinha. O amor nêsse tempo ainda estava puro de desejos carnaes; Zézinho satisfazia-se vendo-a com os seus olhos pretos e a sua tez encantadoramente morena.

Na vida a felicidade exvae-se sempre.

Foi o caso que a mãe de Mariquinha descobriu o namoro lendo um bilhete de Zézinho para a filha.

Ficou furiosa, chamando a moça para censurar o seu procedimento e exigir que acabasse com essa paixão.

Quem é êsse Zézinho que ousa confessar o seu amôr à filha do homem mais opulênto desta terra!

E' o meu namorado, que me dedica uma grande paixão; amo-o e prometi ser sua esposa.

A mãe, exaltada, bradou:

— Vou falar com o teu pae para castigar esse biltre audacioso, que deseja ser esposo da filha do homem mais poderoso desta cidade.

Mariquinha jurou consigo que seria fiel ao seu Zézinho, dizendo que sim e renovando o juramento feito.

A velha foi procurar o marido, dizendo assombrada:

— Já sabe da desgraça

— Mariquinha está doente

— Qual! A coisa é pior!

— O que foi?

— Mariquinha quer casar com o filho do sapateiro.

— Hein?! Mariquinha está louca? Não vê ela que uma moça formosa e destinta não se casa com sapateiros?

E rosnando uma vingança:

— Vou castigar êsse ousado!

Mariquinha soube da vingança projetada pelo pae de prender o namorado.

Assim, escreveu uma carta advertindo-o. A cartinha dizia:

“Querido Zézinho. Nosso amôr foi descoberto, estando papae disposto a prendê-lo. Aconselho a sua saída da cidade para à minha ventura; si ficas poderás mesmo morrer e não quero perder o meu querido namorado. As onze horas virás ao quintal de casa, tendo o cuidado de não atrair a presença das pessoas. Quero que sejas o senhor da minha virgindade, cujo direito de posse me pertence. Amo-te sempre. A tua *Mariquinha*”.

Zézinho leu a carta com assombro e precau-se: mais tarde, quando uma fôrça policial penetrou na sua casa, êle já estava longe.

Mariquinha foi previdente, indo ao cofre do pae d'onde retirou cincoenta contos de réis. O dinheiro contido no cofre era tanto que não se notava a falta da referida quantia.

As onze horas Zézinho foi falar com Mariquinha. A namorada, entristecida, disse-lhe:

— Eis aqui o necessário para a iniciação em qualquer negócio; deixa a cidade e procura adquirir posição para que eu possa ser a tua esposa.

Zézinho estava irresoluto. Como lhe seria possível viver longe da sua idolatrada? As circunstâncias eram, porém imperiosas; elle teria que partir para longe, para outras terras.

— Zézinho, é preciso partir; o dia está raiando! Consola-te, que melhores dias virão para o nosso amor.

Partindo elle, Mariquinha sentiu a alma dolorosamente ferida pela saudade do namorado. A tristeza da separação foi profunda; os dois jovens choraram muito e com amargura.

— Vá e seja feliz! — disse ella — O meu amor será sempre contigo; nada neste mundo nos poderá separar.

Zézinho foi despedir-se da mãe, a quem ardentemente amava; foi nova e dolorosa despedida.

Embarcou para o estrangeiro, muito longe da terra natal.

Entrou para o comércio, cuja vida lhe era resistível, sendo mesmo um dos seus maiores desejos. Alguns anos após estava riquíssimo, possuidor de varios milhares de contos e reputado como um grande comerciante. A fortuna lhe fôra propicia e os seus cabedaes multiplicaram-se com felicidade.

Uma vez riquíssimo, Zézinho resolveu regressar para junto da sua linda companheira, na doce esperança dum noivado venturoso.

Quantas saudades do berço natal! Ia rever agora os amigos, as ruas que passiará na infância, os recantos onde conversara com Mariquinha; as recordações eram muitas.

Aguardava-o no enlanto uma grande tragedia, um profundissimo desgosto.

E' que os paes de Mariquinha haviam-na forçado a casar-se com um parente. Ela se recusara sempre, não obstante a insolente insistência do pretendido.

Mariquinha, sem noticia do querido da sua alma não sabia o que fazer.

A mãe perseguia-a:

— Como filha deves obediência aos teus paes; estás infringindo o quarto mandamento. Segundo os livros sagrados, és maldita si persistires com a desobediência.

Mariquinha ficou desolada com a idéia da maldição paterna; resolveu a obedecer para não ser amaldiçoada. Disse ela ao pae:

— Obriga-me a ser esposa d'um homem que detesto e não amo. Só espero que Deus me auxilie e tenha piedade da vossa injustiça.

O noivo vilão regosijou-se com o triunfo, dando uma grande festa para comemorar o inicio do atroz noivado.

O dia do casamento foi, por ironia do destino a data da própria chegada de Zézinho. A igreja estava repleta de gente e as ruas engalanadas, com musica, etc.

Quando Zézinho desembarcou, Mariquinha casara-se.

O pae de Zézinho, satisfeito, fez soltar girandolas, fogos de artifício que iluminaram a noite.

Vendo esses prenuncios estranhos de festas Mariquinha quiz saber da causa. Um creado trouxe a noticia da vinda de Zézinho e da pösse da sua grande fortuna.

— E' o senhor Zézinho que chegou do estrangeiro, — informou o creado.

O coração da moça sangrou ferido pela mais pungante desgraça, arrependida do perjurio e da felicidade agora perdida.

O palácio da familia estava em festa, mas o seu coração era unicamente desolado.

Escreveu a moça a Zézinho uma carta amarga, dolorosa, em que confessava a sua irreparável fraqueza, contando as ameaças dos paes, o mêdo da maldição. Narrou as lágrimas choradas pela sua ausencia.

O desespero de Zézinho foi inenarrável. Trabalhara longos anos para conquistar uma fortuna para ella, nutria a esperança d'uma breve felicidade e agora tudo se esvaira!

Saiu em busca de Mariquinha para censurar a felicidade perdida e o perjúrio do seu amôr. Que importava agora viver si ella pertencia a outro! Assim, pensando em Mariquinha, chegou ao palácio do velho milionário.

— Aqui estou! — exclamou.

Mariquinha abraçou-o, pondo n'esse abraço a melhor ternura da sua alma.

Nisso ella sentiu-se enrubecida, que Zézinho a beijava; quiz retribuir a carícia, mas o namorado caiu dos braços com o corpo rígido. Estava morto: morrera amando, a punhalado pela paixão insatisfeita.

O pae de Zézinho, enriquecido, viveu o resto da vida na opulência.

Assim termina a história d'um grande amôr entre duas almas apaixonada.